

O campo da cultura sob o olhar de grupos culturais juvenis em São Paulo	Titulo
Maia, H. M. - Autor/a;	Autor(es)
Buenos Aires	Lugar
CLACSO	Editorial/Editor
2013	Fecha
Serie Documentos de Trabajo, Red de Posgrados, no. 34	Colección
Política; Jóvenes; Arte; Cultura; Sociología; Participación social; San Pablo; Brasil;	Temas
Doc. de trabajo / Informes	Tipo de documento
* http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/posgrados/20131205121321/Harika.pdf	URL
Reconocimiento-No Comercial-Sin Derivadas CC BY-NC-ND http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.0/deed.es	Licencia

Segui buscando en la Red de Bibliotecas Virtuales de CLACSO
<http://biblioteca.clacso.edu.ar>

Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO)
Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO)
Latin American Council of Social Sciences (CLACSO)
www.clacso.edu.ar



Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales
Conselho Latino-americano de Ciências Sociais
Latin American Council of Social Sciences



CLACSO
#34

RED DE POSGRADOS
DOCUMENTOS DE TRABAJO

**O campo da cultura sob o
olhar de grupos culturais
juvenis em São Paulo**

Harika Merisse Maia

2013

Consejo Latinoamericano
de Ciencias Sociales



Conselho Latino-americano
de Ciências Sociais

Maia, Harika Merisse

O campo da cultura sob o olhar de grupos culturais juvenis em São Paulo. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO, 2013. - (Red CLACSO de posgrados / Pablo Gentili)

E-Book.

ISBN 978-987-1891-88-7

1. Sociología. I. Título
CDD 306

CLACSO

Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - Conselho Latino-americano de Ciências Sociais

Secretario Ejecutivo de CLACSO Pablo Gentili

Directora Académica Fernanda Saforcada

Estados Unidos 1168 | C1101AAX Ciudad de Buenos Aires, Argentina
Tel. [54 11] 4304 9145 | Fax [54 11] 4305 0875 |
<clacsoinst@clacso.edu.ar> | <www.clacso.org>



Colección Red CLACSO de Posgrados en Ciencias Sociales

Directores de la Colección

Pablo Gentili y Fernanda Saforcada

Asistentes del Programa

Anahí Sverdloff, Denis Rojas, Inés Gómez,
Alejandro Gambina y Lluvia Medina

Área de Producción Editorial y Contenidos Web de CLACSO

Coordinador Editorial Lucas Sablich

Coordinador de Arte Marcelo Giardino

Este artigo é produto da Escola Internacional de Pós-graduação “Infancias y Juventudes en América Latina: democracia, derechos humanos y ciudadanía” / 2011 (CLACSO, CAEU-OEI, Centro de Estudios Avanzados en Niñez y Juventud del CINDE y la Universidad de Manizales, Universidade Católica de São Paulo, Universidad de la República, Universidades de San Martín, Universidad Mayor de San Andrés, Universidad Católica Silva Henríquez e Universidad Autónoma de Barcelona) e apresenta síntese dos resultados da primeira etapa da investigação de mestrado até então denominada “Coletivos Juvenis: ações culturas nas e das periferias de São Paulo”, iniciada em março deste mesmo ano na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.

Las opiniones vertidas en este documento son exclusiva responsabilidad del autor y no necesariamente expresan la posición de CLACSO.

© Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales

Red de Posgrados

ISBN 978-987-1891-88-7

Patrocinado por



Agencia Sueca de Desarrollo Internacional



CENTRO DE ESTUDIOS AVANZADOS EN NIÑEZ Y JUVENTUD
UNIVERSIDAD DE MANIZALES - CINDE



Resumo

Esta primeira década do século XXI foi marcada pelo aparecimento de diversos grupos de jovens que propunham ações artístico-culturais nas suas regiões de moradia, majoritariamente localizadas nas periferias da cidade de São Paulo. Suas propostas, porém, extrapolam a temática artística, com questionamentos entorno da política, da vida cotidiana local e da organização da sociedade em geral, abordados desde sua condição juvenil e social. O artigo a seguir é um subproduto da pesquisa de mestrado “Coletivos juvenis: ações culturais nas e das periferias de São Paulo”. Seu objetivo é exercitar a reflexão sobre estas práticas, analisando as críticas, demandas e perspectivas destes jovens sobre a realidade que propõem intervir. Foram investigados os “textos-manifestos” produzidos por estes grupos e divulgados principalmente via internet.

Palavras-chave: juventude e grupos juvenis, arte, cultura, política, participação social, periferias.

Resumen

Esta primera década del siglo XXI estuvo marcada por la aparición de diversos grupos de jóvenes que proponían acciones artístico-culturales en sus regiones de residencia, mayoritariamente localizadas en las periferias de la ciudad de San Pablo. Sus propuestas, sin embargo, trascienden la cuestión artística, con cuestionamientos en torno a la política, a la vida cotidiana local y de la organización de la sociedad en general, abordados desde su condición juvenil y social. El artículo siguiente es un subproducto de la investigación de la maestría “Colectivos juveniles: acciones culturales en y de las periferias de San

Harika Merisse Maia: Cientista Social graduada em 2008, atualmente estudante de mestrado no Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. harika_maia@yahoo.com.br

Pablo”. Su objetivo es ejercitar una reflexión sobre estas prácticas, analizando las críticas, demandas y perspectivas de estos jóvenes sobre la realidad que proponen intervenir. Fueron investigados los “textos manifiestos” producidos por estos grupos y divulgados principalmente vía Internet.

Palabras clave: juventud y grupos juveniles. Arte. Cultura. Política. Participación social. Periferias.

Introdução

O artigo a seguir faz parte da pesquisa de mestrado “Coletivos juvenis: ações culturais nas e das periferias de São Paulo”, iniciada em março de 2011 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. O objetivo desta tese (ainda em construção) é investigar as práticas culturais desenvolvidas por estes grupos, os processos simbólicos acionados por elas e, principalmente, perceber os apontamentos e respostas que elaboram por meio das suas ações. Para exercitar a reflexão e apresentar parte da pesquisa, o presente texto abordará o campo cultural visto sob a perspectiva destes sujeitos através da leitura dos “textos-manifiestos” produzidos por eles, buscando investigar o processo de construção de um discurso e uma prática artística aliada à realidade social vivida por estes grupos.

O fenômeno de movimentação e mobilização cultural fomentado nas áreas menos centrais da cidade, protagonizado sobretudo pelos grupos culturais juvenis, se qualificou como objeto de investigação por levantar debates e questionamentos que durante muito tempo ficou fora das pautas políticas do poder público e da sociedade civil. Ampliou o debate sobre direitos e tornou latentes as demandas sociais e políticas de uma parcela considerável da população, utilizando como meio e fim as manifestações artísticas e culturais.

Trata-se de um movimento cultural emergente protagonizado por grupos compostos por maioria jovem, que tem como proposta a militância sócio-cultural e ação nas áreas periféricas da cidade. Dentre as principais características deste movimento, destacam-se a confirmação de circuitos e redes culturais cada vez mais visíveis no espaço urbano, o empoderamento e valorização dos jovens, em especial jovens pobres, o estímulo à produção e ao consumo críticos, construção de identidades coletivas e posicionamentos que estabelecem lugares desde onde se é visto e desde onde se vê.

As perguntas que dão corpo ao artigo estão circunscritas sobre a vontade de compreender o campo cultural por meio da crítica manifestada por estes grupos e da sua produção cultural. Desta leitura poder-se-á entender a conjuntura que anima estes coletivos, seu *ethos*, as demandas pungentes, estratégias, limites, interfaces, apropriações e brechas.

A concepção teórica que conduz a análise é constituída por autores que pensam a cultura popular pelo prisma da participação ativa dos sujeitos envolvidos, da capacidade de construção de projetos coletivos heterogêneos e as brechas sobre as formas de fazer arte que caracterizam o popular, o marginal.

Metodologia

Para compreender esta gama de sentidos, a ferramenta metodológica utilizada foi o “texto-manifesto”, ou seja, textos elaborados pelos próprios grupos e nos quais os conteúdos expressam visões de mundo e análises conjunturais. Alguns textos têm também o caráter de apresentação do grupo, espécie de carta fundadora.

Vale ressaltar que o formato de manifesto, e de carta, é uma prática adotada freqüentemente por grupos políticos e utilizada como documento formal para expressar-se e contestar publicamente. Neste aspecto, a leitura realizada não deixou de lado o fato de que estes textos, por não serem neutros, são construídos com base em experiências sociais e culturais específicas, e de referências compartilhadas por um determinado círculo social, por isso, o documento revela tanto o texto quanto o contexto. Ele é por si uma ação (Bauer e Gaskell, 2002).

Os documentos coletados variaram entre manifestos, cartas e informativos. Foram lidos sete textos recentes, dentre eles somente um não estava disponível na internet (informativo). Buscou-se explorar tanto o universo das regularidades, quanto as nuances deste conjunto de materiais, compondo um quadro mosaico que apresenta o campo cultural atravessado por essas narrativas.

A preferência dada a este tipo de material deve-se a crença de que são fontes válidas para o entendimento destes processos subjetivos, tanto quanto nas entrevistas, nos textos os autores expressam suas opiniões, porém de forma estruturada e planejada, representando uma riqueza diferenciada de informações. Encontram-se neles elementos que comunicam as contradições, os campos em conflitos, as fronteiras, os jogos de interesses, as representações, consentimentos, negociações, as propostas desenvolvidas, o caráter político, etc.

Estes documentos foram tornados públicos, não são sigilosos ou particulares, foram pensados com a intenção de serem expostos e publicizados no maior canal de comunicação que existe hoje, a internet, o que lhes confere um caráter distintivo *per si*.

Marco teórico

Organizou-se um quadro de referências constituído pelos autores: Antonio Gramsci, Edgar Morin, Jesús Martín-barbero, Michel de Certeau e Raymond Williams. Partilhando de concepções aproximadas sobre cultura e dinâmicas culturais, elaboram suas teorias, sobretudo entorno da possibilidade humana de projeção, identificação e criação cultural dentro de um determinado contexto histórico.

Dentre as obras percebem-se algumas características comuns: surgem como reações a teorias deterministas hegemônicas - marxistas, estruturalistas, idealistas, materialistas e formalistas -, propondo o ponto de vista da integração, da não cisão entre base e superestrutura, objetividade e subjetividade, estruturas de pensamento e práticas, etc. Sugerem que, para além da interdependência entre estas partes, exista uma realidade não palpável que as comunica, equacionando ou intensificando os conflitos existentes. O que os estudos culturais propõem é uma análise sem rupturas, observam-se as brechas.

Cultura popular, diálogo entre obra e experiência social

Elege-se a cultura popular como lugar privilegiado de análise, pois nela convergem os interesses das classes hegemônicas e os movimentos contrários, tornando visíveis as contradições, os conflitos, as resistências, assimilações, negociações e imposições.

Uma das áreas estudadas pelos autores é a produção artística e sua relação com as culturas populares. Gramsci investigou o caso da literatura não popular italiana. A Itália passou por um processo de unificação e tentou, por meio de seus intelectuais, criar uma literatura popular que desse algum sentido de unidade e continuidade histórica à nação recém-unificada. Porém estas obras não estavam relacionadas aos sentimentos e modos de vida populares, que

por sua vez, estavam mais vinculados à literatura francesa da época. Segundo o autor, as obras de arte devem ser criadas de forma orgânica, refletindo os sentimentos públicos percebidos na vida cotidiana e no contexto social no qual estão inseridas. Sua análise sobre a produção e o consumo cultural desloca-se da classe burguesa para as classes populares, onde é possível perceber os jogos de interesses elaborados no seu entorno.

Ao estudar as culturas de massas, Morin identifica a forma como ela é processada pela Indústria Cultural e depois re-apropriada pelos indivíduos. Em meio às teorias pessimistas que avistavam na Indústria Cultural apenas alienação e passividade por parte do receptor, Morin retoma a prerrogativa da existência de um sujeito antropológico que busca por afirmação individual e participação cósmica, que reage e interage aos estímulos provenientes da cultura ilustrada, humanística e/ou de massas.

Da idiosincrasia à brecha antropológica

No debate sobre base e superestrutura, Martín-barbero apontará as idiosincrasias entre essas duas dimensões sociais na América Latina. Com a necessidade de se atualizar econômica e tecnologicamente, houve um processo de “modernização” que não acompanhou a diversidade cultural da região. Sem uma identidade nacional consistente, os vínculos estabelecidos com outras culturas tornaram a realidade identitária das culturas regionais ainda mais complexa, indicando um processo de esquizofrenia: se de um lado houve contemporaneidade na distribuição dos bens culturais, por outro, houve uma não-contemporaneidade no acesso e nos usos:

Trata-se da não-contemporaneidade entre os produtos culturais que se consome e o ‘lugar’, o espaço social e cultural, desde o qual esses produtos são consumidos, olhados ou lidos pelas minorias na América Latina. [...] Aquilo que o popular indica é o lugar de cruzamento de duas coordenadas fundamentais no aqui e agora na América Latina (Martín-Barbero, 2004:179 e 188).

Da tensão entre tempo e espaço, da ausência de integração, ou de recursos de inclusão, surgem campos para a construção de novos usos e significados. Para o autor, esses espaços são chamados de *buracos semânticos*; Morin por sua vez chamará de *brecha antropológica*. Neles a subjetividade recompõe a fratura da não tradução, ou não comunicação plena entre base e superestrutura. Estes espaços são comumente preenchidos pelas culturas populares, são brechas ocupadas pelo saber coletivo, pela experiência prática e pela *demens* humana, devidamente contextualizadas nas dinâmicas históricas de cada sociedade.

A tecnologia imposta coloca em evidência o “resto não digerível, não-simulável” da cultura popular que resiste à homogeneização generalizada e/ou então realiza combinações para adequar-se a ordem vigente.

Diante da razão burguesa separada do imaginário, a cultura popular a resolve, mestiça, opondo à equivalência geral a diferença e a ambigüidade fundamental de sua própria existência (Martín-Barbero, *idem*:184).

O metabolismo do sistema cultural movimentado pelas práticas periféricas

Ao estudar os efeitos/influências da tecnologia sobre o cotidiano das classes trabalhadoras (*ordinary people*), Williams percebe os modos de apropriação e as diversas combinações possíveis nessas mediações. Para interpretar tais combinações, chamará atenção para a coexistência de dois modelos: o resi-

dual (aquilo que permanece do passado no presente) e o emergente (aquilo que é novo).

Diante da necessidade e possibilidade da organização de novos modos de fazer, estar e ser, há a criação de espaços mínimos de identificação mediados pelos usos sociais dos meios de comunicação/tecnologia apropriados pelas minorias (estratégias e táticas cotidianas, De Certau: 1994). Como por exemplo, a apropriação dos aparelhos tecnológicos e o conhecimento das técnicas básicas de manuseio por parte das classes populares, que pode gerar uma re-apropriação e re-significação destes meios de acordo com a necessidade e a identidade do grupo produtor/destinatário. Para Martín-barbero e Williams, a obra (texto) não é ilhada e nem desprendida do contexto.

Morin verá nessas articulações vindas de lugares não hegemônicos, a base necessária para a sobrevivência do sistema cultural: fruto da dialética entre os grupos que detém os códigos e as metamorfoses sociais que induzem novas práticas e chamam por novos posicionamentos. A dinâmica sócio-cultural é movimentada pelas criações (enzimas, negatividades) provenientes das fronteiras, que em determinadas proporções desestabilizam a ordem vigente propondo rupturas ou fissuras no sistema, gerando então uma outra organização (positividade).

Dialética sistema-circunstância provoca a modificação das estruturas. [...] A enzima (a criação, a originalidade, a novidade, etc.) vem das fronteiras anônimas ou marginais da ordem social e a criatividade apresenta, no seio mesmo da cultura, um caráter de negatividade (Morin, 1986:59 e 86).

O campo da cultura sob o olhar periférico

Há aproximadamente dez anos observa-se a emergência de grupos culturais constituídos por jovens moradores de áreas periféricas da cidade de São Paulo. Sua existência fomentou algumas reflexões, especialmente na área acadêmica e nos órgãos públicos, uma vez que questionavam a lógica hegemônica de produção e consumos culturais, propondo novos pontos de vista para a interpretação das interações e aspirações desta população.

Neste tempo os coletivos se consolidaram como um agente social emergente¹ e estimularam novos circuitos de produção e fruição cultural. Também constituíram identidades específicas, estabeleceram outras formas de relacionar-se com o território, com a sociedade e com as temporalidades não lineares da metrópole.

Os textos-manifestos produzidos são lugares privilegiados para a apreensão destas manifestações e tensões no campo social, político, cultural e artístico, visto que estabelecem a comunicação entre obra (texto, produção estética, forma) e contexto (relações sociais, vida cotidiana). No trecho abaixo há a definição de um dos grupos investigados sobre sua concepção de ação cultural, na qual propõe um sistema integrado que se retroalimenta a partir do movimento que passa e conecta o discurso, a prática e a realidade:

Este manifesto representa a opinião de grupos que primam pela construção do discurso na ação. Portanto, que seja este documento a própria ação manifestada, coerente a realidade diversa de atuação artística, política e social dos jovens da periferia da cidade de São Paulo (Rede Livre Leste, 2010).

¹ A próxima etapa da pesquisa tem como objetivo compreender o que há de residual e emergente nestas formas de agrupamentos juvenis em relação aos grupos anteriores existentes na cidade e os contemporâneos presentes no cenário atual.

Assim como aponta Martín-Barbero a respeito da influência das tecnologias modernas às culturas regionais na América Latina, estes coletivos também indicam uma não equivalência entre os elementos que constituem a cultura hegemônica da cidade e aquela vivenciada pelas classes populares que residem em regiões não-centrais. O sentimento de pertença à metrópole não é homogêneo, assim como as culturas nela construídas.

Dessa forma, pela não identificação com a cultura hegemônica, muitos coletivos tem como pilar de suas ações a afirmação de identidades locais vinculadas a sua condição social (classe, gênero, faixa etária, etnia) e espacial (periferia, metrópole). Identidades essas forjadas, principalmente, no “resgate da sua cultura” – remetendo-se a alguma matriz cultural perdida. Mesmo entre as diferentes identidades construídas nesse processo, há algo que compartilham e que une diferentes grupos: o fato de “serem” da periferia. Este elemento de pertença os legitima dentro do campo e justifica sua atuação perante a sociedade, quando, por exemplo, um coletivo defende que sua ação toma como bandeira a defesa do direito da comunidade poder “consumir sua própria cultura” (Agencia Popular de Fomento Cultural, 2011). Apesar desta ênfase no local, há também relativa preocupação em se afirmar enquanto sujeito que participa da vida social da cidade num sentido mais amplo.

Também foi apontado certo mal estar sobre a precariedade da vida em sociedades modernas, gerada pela violência, pobreza, fragmentação das relações sociais e de trabalho, não garantia de uma cidadania plena, falta de tempo para lazer, etc. Todas estas questões fazem parte da condição de vida destes jovens, marcada pelas contradições de uma sociedade com estrutura e demandas complexas e um modelo político que não leva as questões da juventude para o plano das prioridades políticas.

O manifesto do Coletivo Vídeo Popular resume sua posição e concepção de arte e cultura: anticapitalista, contrária ao modo de vida vigente e à visão espetacular e mercadológica da arte, contra a divisão social do trabalho que fragmenta e organiza a vida moderna, contrários também à arte pela arte; a favor de novas relações sociais e do atrelamento entre sociedade, artistas, arte e modo de produção.

Reconhecemos que o fazer artístico e cultural é um ato político. Somos contrários a política do entretenimento e da Indústria Cultural, que solidifica estereótipos, preconceitos e a visão mercadológica da vida. [...] Contrários a ‘arte pela arte’ que isenta seus realizadores da responsabilidade com o contexto social (Coletivo de Vídeo Popular, 2011).

Neste sentido, procuram re-estabelecer a cidade e a sociedade de forma integral, na sua contradição e na busca pela não exclusão daqueles que estão à margem da ordem social vigente - idéia do pan, religare, pela não separação do cosmo maior que é a cidade e a cultura. A emergência é reconhecer a periferia como parte integrante da vida social da cidade, não de forma homogeneizante, mas valendo-se das suas próprias referências culturais. Trata-se de um posicionamento: fazer parte do cenário artístico e urbano que caracteriza a metrópole, valorizado a diversidade não-hegemônica.

[Ações] da periferia para a periferia, sem fazer disso um processo de segregação avesso, mas de incluir no mapa algo que estava submerso ao frenético ritmo cultural da megalópole. É uma nova geração que surge disposta a enfrentar os problemas que envolvem as ditas vulnerabilidades, exclusões, não-acessos do ambiente periférico. Articulados para realização de intervenções urbanas em espaços públicos que coloquem em questão o lugar da produção artística da periferia com visibilidade dentro do circuito cultural da

cidade de São Paulo e a (re)ocupação do espaço público como lugar coletivo da expressão e mobilização social (Rede Livre Leste. 2011).

O espaço público passa a ser ocupado, com propostas de torná-lo espaço não só do convívio, mas também do debate político. É a restauração da *polis*, da re-politização do público.

Para Morin, a crise cultural que a humanidade enfrenta com o desenvolvimento das ciências, levaria a uma nova configuração marcada pelo ressurgimento do comportamento comunitário e a um apelo neo-arcaico. Da mesma forma, observa-se nas propostas e nas ações destes coletivos a tendência à criação de espaços mínimos de identificação (Martín-Barbero: 2004), objetivos ou não.

Espaços como bares, ruas, praças, lugares abandonados e escolas, são apropriados e re-codificados pelos grupos e recebem uma gama de significados, representações e práticas culturais. O envolvimento acontece efetivamente quando a participação passa a fazer parte da vida cotidiana destas pessoas, num processo de perceber, familiarizar e envolver-se. Na convivência são estabelecidos elos, ligações afetivas, solidárias e comprometidas. Com o desenvolvimento destas iniciativas, também há uma rede de relacionamentos que configura este novo modo de perceber e estar na cidade e relacionar-se coletivamente.

Contrariando o que preconiza o senso comum, cotidianamente milhares de pessoas tecem várias redes marcadas pela diversidade, criatividade e participação, criando múltiplos espaços de socialização, formação e construção coletiva (CICAS e Sinfonia de Cães, 2009).

Importante entender que o conceito de rede aí presente só pode ser materializado na ação presencial, na intervenção de fato e não no campo virtual [...]. Aqui entende-se rede enquanto articulação aplicada na prática, com diálogo e trocas constantes entre os coletivos que a compõem. [...] Objetivam uma intervenção de fato, um acontecimento no ambiente comum, popular (Rede Livre Leste, 2011).

São técnicas e estratégias da cultura popular que re-estabelecem a comunicação entre as diferentes realidades vividas num mesmo cenário urbano e dá sua contribuição desenvolvendo novos conteúdos e sentidos, subvertendo as formas e formatos de produção, divulgação, distribuição e recepção.

Compreendendo a arte e a cultura como canais não só de expressão e de visibilidade, mas também fonte de informação e conhecimento, retornam a discussão da cultura como forma de cultivo e emancipação humana. Acreditam que através das práticas fomentadas, conseguirão reverter o estigma da periferia e construir um novo paradigma sustentado na valorização da vida cotidiana e da cultura popular.

Fazemos cultura não só para mostrar nosso talento, mas utilizamos nossas ferramentas de expressão artística para estabelecer uma comunicação direta e franca com a sociedade. [...] As manifestações culturais são retrato do meio social que vivemos, boa parte das nossas ações são pautadas nas lutas cotidianas travadas pelos habitantes desta região (Cedeca Interlagos (et alii), 2010).

A elite encontra-se nos grandes centros comerciais, rodeada pelas periferias que ela própria inventou. A periferia se arma e apavora a elite central. Nas guerras das armas, os ricos reprimem os favelados com a força do Estado através da polícia. Mas agora é diferente, a periferia se arma de outra forma. Agora o armamento é o conhecimento, a munição é o livro e os disparos vêm das letras. Então

a gente quebra as muralhas do acesso, e parte para o ataque. Invadimos as bibliotecas, as universidades, todos os espaços que conseguimos arrumar munição (informação). Os irmãos que foram se armar, já estão de volta preparando a transformação. Mas não queremos falar para os acadêmicos, mas sim para a Dona Maria e o Seu José, pois eles querem se informar. E a periferia dispara. Um, dois, três, quatro livros publicados. A elite treme. Agora favelado escreve livro, conta a história e a realidade da favela que a elite nunca soube, ou nunca quis contar direito (Sarau Poesia na Brasa, sem data).

Considerações finais

O sucesso de um livro de literatura comercial indica qual é a 'filosofia da época', isto é, qual é a massa de sentimentos e concepções de mundo que predomina na multidão silenciosa (Gramsci, 1978:96).

Se a afirmação de Gramsci estiver correta, podemos considerar que a filosofia destes novos tempos é aquela que contempla também os espaços marginais destinado às culturas minoritárias menos reconhecidas socialmente e até então condenadas.

Hoje há publicações de escritores periféricos, produções de programas sobre iniciativas nas "quebradas" veiculados na TV aberta ou nos canais da internet, sites de conteúdos exclusivos, marcas de roupas, rádios, revistas e fanzines, selos de gravadoras musicais, programação contínua de atividades, seminários discutindo a estética e a produção periférica, cursos e oficinas, etc. As questões que se podem colocar para ampliar as reflexões iniciadas neste texto, são: até que ponto as culturas periféricas ainda estão à margem do sistema cultural? Continuam sendo periféricas porque esta é sua marca identitária, mas na prática, qual é a fronteira que as separa da centralidade ocupada pelas culturas hegemônicas?

Segundo Morin, para garantir sua vitalidade, o sistema necessita desses momentos de crise para sustentar-se. Esses movimentos podem servir para romper radicalmente alguma lógica, mas também podem causar pequenas fissuras que indicam outros rumos possíveis. O que se percebe é que estes grupos pretendem romper com a reprodução continuada da ordem vigente, alguns optando pela transformação radical, ou seja, pela supressão de um modelo pelo outro, enquanto outros optam pelo re-arranjo equitativo dos posicionamentos dentro do sistema.

Por fim, verifica-se que as teorias culturais não esboçam somente pontos de vistas analíticos, mas também constroem perspectivas metodológicas que permitem estudar o objeto em movimento, entendido na complexa dinâmica das forças sociais e das transformações históricas. É toda uma base epistemológica construída nas brechas, nas fronteiras e nas intersecções.

A existência destes grupos expõe as fraturas do sistema social, articula os meios para apropriar-se dela e utilizá-la como ferramenta para discussão e transformação. Questionando o processo de negação imposto pela cultura hegemônica, estes coletivos elaboram um discurso em torno da política pública e dos direitos civis. Defendem a cidadania universal e a valorização das culturas, dos artistas e das populações das diversas periferias que co-existem num mesmo território (no sentido de Estado-nação).

Com exposições de filmes ao ar livre, promoção de saraus, festivais de bandas independentes, produções de graffiti, apresentações de teatro, cortejos com grupos de maracatu, publicações de revistas, fanzines, livros, montagens de sites, web rádio e tv, formações artísticas, rodas de capoeira, encontros e

debates, gravações de CDs e filmes, montagem de bibliotecas comunitárias, entre outras tantas atividades promovidas, estes grupos interferem na rotina dos espaços que tomam como seus, propondo novas dinâmicas sociais inclusivas e deslocadas dos centros hegemônicos de produção simbólica. Ser da periferia se torna um capital social e cultural dentro deste sistema paralelo, é o que legitima estes coletivos junto às suas comunidades.

Por meio destas ações elaboram um modo de estar na sociedade mediante sua história e processos coletivos de codificação e elaboração de significados. A própria concepção do que é ser jovem é re-significada nessas narrativas. A resistência artística e cultural que propõem é teorizada a partir da apropriação da sua história, da integração geracional e da necessidade de ligar a vida cotidiana provinciana que experimentam nos bairros, com as formas de sociabilidades e sensibilidades difusas próprias das grandes metrópoles.

Referências Bibliográficas

- BAUER, Martin W. e GASKELL, George 2004. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- CERTEAU, Michel de 1994. "Introdução geral"; "Culturas populares"; "Fazer com: usos e práticas". *A invenção do Cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis, Vozes.
- GRAMSCI, Antonio 1978. "Caráter não nacional-popular da literatura italiana". *Literatura e vida nacional*. Rio de Janeiro: Editora civilização brasileira, p. 61-102.
- _____ 1982. *Os intelectuais e a organização da cultura*. São Paulo: Círculo do livro.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús 2004. "Tecnologias: inovações culturais e usos sociais". *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação da cultura*. São Paulo: Loyola, p. 177-206.
- _____ 1997. "De los medios a las culturas". *Proyectar la comunicación*. Jesús Martín-Barbero y Armando Silva (comp.). Colombia: TM editores, p. 3-22.
- _____ 2001. "Cultura, hegemonia e cotidianidade". *Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- MORIN, Edgar 1969. *Cultura de massas no século XX. Volume 1: Neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____ 1986. *Cultura de massas no século XX. Volume 2: Necrose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- WILLIAMS, Raymond 1992. "Com vistas a uma sociologia da cultura". (sem referência)
- _____ 1997a. "Los usos de la teoria cultural". (sem referência)
- _____ 1997b. "Las comunicaciones como ciência cultural". (sem referência)

Materiais consultados:

- Agencia Popular de Fomento Cultural – Solano Trindade (org.) 2011. *Carta dos Coletivos Culturais*.
- CEDECA Interlagos, Núcleo de Comunicação Alternativa, Cia Humbalada de Teatro, Coletivo Imargem, Coletivo Radioativo, Rede de Comunidade do Extremo Sul de São Paulo 2010. *Manifesto cultural: O Movimento é Cultural e a Política é Pública*.
- Poesia na Brasa (Sem data). *Nosso Manifesto: A Elite TREME*.
- CICAS – Centro Independente de Cultura Alternativa e Social 2009. *Jornal Cicas*. Ano 01/ nº 01, dez.

CICAS e Sinfonia de Cães 2009. *Pedido de Cessão de Uso de Área Municipal.*

Coletivo de Vídeo Popular 2011. *Carta Manifesto No. 01.*

Dolores Boca Aberta 2011. *Manifesto Dolores Boca Aberta – Prêmio Shell.*

Rede Livre Leste 2010. *Manifesto Policentrico.*

Rede Livre Leste 2011. *Projeto: nossa teoria é a prática.*